

A VOZ

Lígia Dantas

Meus olhos estavam grudados na letra clássica de traçado fino e curvas impecáveis de meu pai. Ele era o homem mais sensível e elegante que eu conheço. Sempre me pergunto como eu fui me tornar tão moleca e descuidada.

— Cheguei! — Mariana enfiou o rosto alongado de pele morena em frente à carta de meu pai.

— Finalmente! Os passageiros já estão embarcando, eu pensei que fosse ter que fazer isso sozinha — reclamei enquanto tirava as passagens da mochila.

— Pois eu acho que seria mais emocionante! O problema é que eu não gosto de perder nada que acontece de ‘extraordinário’ nessa vida bobinha que levamos.

Ela jogou os longos cabelos negros para trás e ajustou a mochila sobre os ombros. Em seguida jogou o braço sobre os meus ombros e me espremeu, antes de entramos no ônibus. Dizemos que somos almas gêmeas: primas, irmãs e amigas inseparáveis. Ela sabia o que eu sentia só de me olhar, por mais que eu me achasse a garota ultra foda em disfarces.

— Você pode ficar com a janela — ela me disse com um sorriso no canto da boca de quem conhecia minha ansiedade. — Agora me deixe ver a carta do tio Marcelo.

Eu a retive em minha mão. Espremi os lábios e neguei com a cabeça. Enfim, li em voz alta o único parágrafo que tive coragem de ler:

Minha querida Lud,

Nossas vidas novamente vão passar por grande mudança. Eu acredito que, desta vez, seja uma mudança feliz, espero que você sinta o mesmo. Para que você entenda que não há substituição e que sua mãe sempre estará em nossas vidas, eu achei que esse era o momento certo de você fazer essa pequena e bela jornada. Vista uma calça confortável e tênis de caminhada. Leve na mochila: água, uma muda de roupas limpas e um biquíni.

Eu fiquei em silêncio. Mariana sacudiu meu braço, como fazia quando éramos crianças.

— Até parece que você não sabe aonde vamos! Afinal, está escrito nas passagens e no letreiro do ônibus. — Ela observou meu silêncio. — Desculpa a ironia, só queria te

fazer rir um pouco. Eu sei que isso foi inesperado, eu também me assustei quando a minha mãe me explicou.

— E o que a tia Carla te explicou? Eu acho que sou a única que não ouviu uma só palavra. Meu pai viajou em lua de mel e me deixou essa carta com passagens de ônibus compradas para Santa Clara do Véu com data para o meu aniversário de 16 anos. — Esse fato ‘extraordinário’ estava me assustando. — E foi só.

Mariana respirou fundo, estava constrangida, como se tivessem deixado para ela a parte mais tensa da missão.

— Bem, vou te dizer exatamente o que a minha mãe falou, ok? — Ela passou a língua nos lábios antes de recomeçar. — Seu pai namora a tia Ângela há cinco anos, já passava da hora deles se casarem. Eu achei sinceramente que você estava de acordo.

— Você pirou, Mari? Não é disso que eu estou falando! Eu gosto muito da Ângela, sabia que meu pai queria ter se casado há anos, só que tinha medo de me magoar...

— E você está magoada? — A pergunta foi feita vagarosamente como se tivesse medo de causar mais estragos.

— Mari, você me conhece... — Ela arqueou as sobrancelhas e inclinou levemente a cabeça para a esquerda. — Ok! Eu estou com medo disso e também disto. — Eu sacudi a carta.

— Então leia até o final!

— Primeiro vamos chegar nessa cidadezinha, depois leio mais. — Eu olhei para fora da janela.

— Isso é ridículo! Você sabe que sua mãe nasceu nessa cidadezinha. Sabe que vocês iam para lá quase todo fim de semana. Eu já fui várias vezes com os meus pais. Sabe que seu pai nunca quis vender esse sítio por sua causa? Tem uma parte valiosa da sua história lá.

— Você está falando igual à tia Carla agora! — respondi irritada. — O problema é que ele nunca mais me levou lá... Porque eu tenho que voltar sozinha?

A viagem de duas horas se arrastou. Mariana cochilou depois que eu fiquei muda... Ela conhecia bem minha teimosia. A estrada era estreita e cercada de pastos verdes... Minha memória não despertou nem por um segundo. Apenas as fotos antigas confirmavam que aquele lugar devia mesmo existir.

Coloquei o fone de ouvido, conectei minha playlist com musicas de Clean Bandit e Kiiara. Tentei relaxar, mas uma velha angústia me incomodou. Eu não sei explicar

porque eu sentia tanta falta de ouvir a voz de minha mãe. Isso me doía! Uma voz perdida para sempre. Não fazia ideia do seu timbre, se falava rápido ou pausado, se alto ou baixo. Eu simplesmente a buscava e a imaginava constantemente.

Quando o ônibus estacionou e o motorista anunciou o nome daquela cidadezinha, eu abri a carta do meu pai novamente:

Quando chegar a rodoviária de Santa Clara do Véu, vá até a padaria do Véu e procure por Tião, dono do lugar. Apresente-se, diga que é filha da Estelinha Gerais, ele vai se lembrar de você. E vai te ajudar a encontrar uma carona que passe pela estrada do rio. Mas não se demore, fique apenas o necessário.

— Ótimo, o tio Marcelo pensou em tudo! — falou Mariana, que acordou sem que eu percebesse.

Eu senti vertigem ao encarar a claridade da manhã. Quase não encontrei o chão ao sair do ônibus. A imagem do coreto da praça se formou lentamente diante dos meus olhos. O ventinho gelado balançou meus cabelos e uma melodia chegou aos meus ouvidos sorrateiramente: “*Alecrim, alecrim dourado que nasceu no campo e não foi semeado...*”.

Mari pegou na minha mão, já descobrira com o motorista onde era a padaria. Então, eu observei a cidade. Em frente à Igreja barroca havia uma praça arborizada, as ruas eram de pedras e as casas eram antigas e coloridas. Caminhamos até bem próximo da Igreja e seus degraus de pedras. Eu conhecia aquele lugar e isso era muito óbvio, mas minha memória me pregava peças, eram apenas sensações e nada mais.

Quando entramos na padaria, senti uma familiaridade tão forte! O cheiro de café fresco e pão saindo do forno poderia se repetir em qualquer padaria, mas o que eu sentia pertencia aquele lugar.

— Não sei você, mas eu estou com fome! — Mariana correu e sentou-se no balcão. — Por favor, um refresco de caju e um pão de queijo grande.

Eu olhei em volta tentando reconhecer o tal Tião. Deduzi que era o homem sentado ao caixa. Mari me sugeriu comer alguma coisa. Olhei o balcão de pães, bolos e salgados, entre as opções havia uma massinha amarela assada com crostas partidas no topo.

— São broinhas de fubá! — Eu sorri como se tivesse decifrado uma xarada complicada. — Eu adorava isso.

Estranhamente comer broinhas com café me fez sentir tão bem que foi fácil me aproximar do homem do caixa e pedir ajuda. Ele abriu um sorriso espantado e

admirado, eu percebi que ele freou o impulso de me abraçar e apenas pegou em minha mão.

— Você está muito parecida com a sua mãe... — Tião fez uma pausa. Eu podia sentir a saudade apertando seu peito. — Ela foi uma grande amiga de infância e adolescência. Você canta como ela? Espere um minuto!

Antes que eu respondesse, ele correu para fora da padaria e cercou um caminhão. Depois voltou esbaforido.

— Ainda bem que deu tempo! O Marquinho vai passar em frente ao sítio agora, vocês podem ir com ele. Mas me prometam que vão passar aqui antes de ir embora. Eu tenho algo para lhe presentear.

Ele me olhou com tanta doçura. Eu sorri e acenei um ‘sim’. O caminhão bloqueava a rua, precisamos ser rápidas. O motorista era um rapaz com pouco mais de dezoito anos.

— Então vão ficar no sítio Alecrim? Quanto tempo não eu vejo ninguém diferente por lá! São da família ou alugaram a casa?

— Isso faz alguma diferença? — provocou Mari como se tivesse flertando numa balada.

— Se eu te contar algumas histórias, pode fazer diferença sim. — Ele arrastou os olhos negros para ela.

Eu abri minha mochila e tirei a carta do meu pai, tentando não dar confiança para aquela conversa.

— Então conte! Já que começou, termine.

— Tudo bem. Mas foi você quem pediu... Dizem que o espírito da mulher seresteira vive lá e que ela canta nas noites sem lua.

— Mulher seresteira? — perguntou Mariana sorrindo.

— Sim, a dona da casa que já morreu há uns dez anos e era a única mulher de um grupo de seresteiros da cidade. Eles nunca mais tocaram... O Tião fazia parte do grupo.

— Qual era o nome dela? — perguntei aflita.

— Isso eu não sei... Eu era criança, nem me lembro, apenas ouço as histórias da zona rural.

Meu coração disparou e Mariana ficou desconcertada. Eu não acreditava em fantasmas, tampouco minha prima, o que nos incomodou é terem criado uma lenda, provavelmente sobre minha mãe. Mas eu não sabia que ela cantava. Ou não me

lembrava... A pergunta de Tião e o caso contado por esse rapaz sugeriam isso. Eu sorri em silêncio: fazia sentido eu desejar tanto ouvir a voz dela.

A estrada de terra sacudia o corpo e tensionava os pensamentos. À frente uma paisagem bucólica e bela, atrás uma cortina amarronzada levantada pelo caminhão na estrada de chão batido. Depois de trinta minutos, eu vi a placa de ferro balançando com o vento: “Alecrim”. Novamente a cantiga sussurrou ao meu ouvido.

— Vamos ler a carta do seu pai. — falou Mari depois que descemos do caminhão em frente à porteira do sítio — Não sei se quero entrar na casa sem instruções.

— Não seja ridícula Mari! Minha mãe não virou um fantasma solitário.

Quando chegar a casa do sítio, não se apresse em entrar, há uma ultima parte da jornada antes disso. Caminhe em até a mangueira ao lado da casa, atrás dela há uma trilha, vai estar limpa e acessível. Tenha os ouvidos atentos, se você não tiver se lembrando aonde ela vai te levar, seus ouvidos lhe darão pistas.

— Ouvidos atentos? — Mari apertou os lábios e franziu a testa. — Ele não está falando *da* fantasma cantora, não é?

— Boba! Ainda não é nem meio dia e nem será noite sem lua, pelo que eu saiba.

Ela gargalhou e agarrou meus ombros, não perdia uma brincadeira jamais. Abrimos a porteira e em alguns passos, vimos a casa. Eu tive a sensação de que minha memória sentiu-se enganada, que eu a julgava bem maior. O telhado descia pelas laterais e deixava um espaço para uma janelinha colorida no sótão. As paredes amarelas estavam recém-pintadas. Havia janelas de venezianas de madeira e a varanda com um portãozinho de ferro com formas de flores e corações.

— É mais bonitinha do que eu me recordava — comentou Mari —, apesar de me lembrar de quase nada.

— Eu tenho a mesma sensação... Há uma pequena parte em mim que se lembra. E eu me sinto em casa. — Eu retive o ar nos meus pulmões tentando reter aquele pequeno tanto de memória que despertava.

— Olha a mangueira! — Mari apontou e me puxou pela mão. — Vamos!

Atrás da mangueira, um bosque formado por arbustos, árvores e vegetação rasteira expandia-se enquanto caminhávamos pela trilha. A beleza das cores e formas nos encantava. Ampliavam-se também os sons, dos nossos passos esmagando os galhos e canto dos passarinhos. Eu procurava, mas ainda não entendia qual som meu pai queria que eu ouvisse. Então a trilha começou a descer. Pedras de todos os tamanhos ladeavam e formavam obstáculos. A umidade aumentava a cada passo.

— Afinal qual som seu pai quer que você escute? — Mariana nunca foi dessas que curte acampar e caminhar no meio do mato por muito tempo. — Já tem meia hora que estamos caminhando, aonde isso vai nos levar?

— Escuta! — Eu parei agachada enquanto passava por duas pedras apoiadas uma na outra. — Parece água?

— Parece um chuveiro ligado na pressão máxima!

— É uma cachoeira! — Eu sorri encantada e ansiosa.

— Agora eu entendi porque minha mãe não quis me contar o motivo de trazermos biquínis. Ela sabe que eu odeio esse tipo de programa.

— Imagino que você sempre fazia pirraça para não ir à cachoeira! — Sorrimos juntas agachadas sobre as pedras.

— Agora você me deve uma, Lud!

— Devo nada, Mari! Você ouviu que o meu pai escreveu: siga a trilha atrás da mangueira. Não foi enganada. — Eu saltei da pedra para continuar a caminhar.

— Eu quis ser enganada. — Mari estendeu a mão pedindo ajuda para saltar. — Não podia te abandonar correndo o risco de virar comida de lobo mau.

Gargalhamos com a mania de contos de fadas de Mari. Até nossos olhos captarem o fosso da cachoeira. Um paredão equivalente a cinco andares de um prédio por onde escorria uma densa e branca cortina de água.

— Uau! Agora entendo porque esse povo aventureiro se enfia dentro de matas para ver lugares como esse. — Deslumbrou-se Mari.

Eu me sentei numa pedra. A paisagem era hipnotizante. De repente, os raios do sol se encontraram com as gotas que espirravam da cortina de água, formando pequenos arco-íris.

— *Caraca, véi!* — Rimos alto. — Agora eu entendi porque o tio Marcelo cronometrou nossa chegada aqui. Ele queria que nós víssemos isso. É quase meio dia, o sol está a pino. Isso é tão mágico.

“Depois de menos de uma hora de caminhada, você vai encontrar a cachoeira Véu de Santa Clara. E presenciar um belíssimo encontro. Entre onze e meia e uma hora da tarde, as gotículas de água se encontram com os raios de sol. Você era totalmente encantada com os arco-íris. Não conseguíamos passar um dia no sítio sem ir apreciá-los.”

Aquela cantiga novamente soprou em meu ouvido, enquanto minha memória despertava para mais sensações e familiaridades. O nome do sítio e a descoberta de que

a minha mãe cantava, me levaram a crer que aquela cantiga tinha embalado a minha infância na voz dela. Como eu queria me lembrar, como eu queria reviver o que eu nem me lembrava com clareza ainda.

— O que mais ele diz?

Eu peguei a carta e li:

“Desça a trilha, quando estiver com os pés quase na água, você deverá contornar as pedras à esquerda. Cuidando para não escorregar. É bom que já esteja de biquíni senão vai molhar suas roupas. Siga nessa direção até encontrar o paredão de pedras. Então, encoste-se a ele e arraste seu corpo até encontrar uma abertura, atrás do véu de água. Não tenha medo. Ou melhor, use o medo para ter cuidado. Entre na abertura e veja o que você vai encontrar”.

— Ok! Não sei se quero fazer isso com você. Até gostei da visão que tenho aqui, mas minha cota de aventuras tem limite. Sério! Não vou me enfiar num buraco atrás de uma cachoeira.

— Calma Mari! Você não precisa fazer isso. Aliás, eu prefiro fazer isso sozinha.

Mari me ajudou a fazer uma cabana com toalhas para que eu vestisse o biquíni. Reli aquele trecho da carta para me certificar do trajeto. Olhei para as pedras largas e aparentemente seguras que margeavam a cachoeira. Não parecia algo impossível, a não ser pelo medo do desconhecido. Parei para refletir sobre isso, na verdade, não havia nada de desconhecido, sim de esquecido. Peguei a carta e li o parágrafo seguinte:

“Coragem minha aventureira, você vai encontrar muito mais do que deseja.”

Uma frase que me encheu de ar os pulmões. Coloquei os pés nas pedras e segui, não era necessário se arrastar no paredão de pedras, era um cuidado extra de pai, havia espaço. Alcancei a abertura, a claridade externa me atrapalhava enxergar lá dentro. Dei passos curtos e desconfiados, era como se eu atravessasse um portal, desses que nos levam a outras dimensões.

Lá dentro uma imensa gruta com um fosso de águas azuis. Era encantador, a claridade entrava por uma abertura lateral e enchia nossos olhos com a magia daquele lugar. Eu me sentia em casa, mas não era o suficiente para despertar minhas lembranças. De repente, aquela cantiga retornou a minha mente e eu a cantei em voz alta.

— Alecrim, alecrim dourado... — Interrompi minha voz quando o escutei o eco. Meus olhos arderam e eu continuei a cantar. — Que nasceu no campo...

Eu reconheci a voz do eco. Ela aqueceu meu coração e me devolveu sua presença. Como era possível o eco ser a voz de minha mãe? A voz que eu buscava. E lembranças

vieram junto com o som: nós cantando juntas dentro da caverna, nadando em suas águas azuis, correndo pelo bosque...

Quando saí da gruta, Mari conversava com o casal de caseiros do sítio. Eles contavam que meu pai esteve no sítio uma única vez depois da morte da minha mãe. Ele colocou a gravação da voz dela à capela para tocar à noite, com as luzes apagadas. Um casal voltava da cachoeira e ouviu. Foi assim que surgiu a lenda da Mulher Seresteira.

Almoçamos na casa. Reconheci o perfume, o gosto da comida, os móveis e objetos, tudo como era antigamente. Dona Ana conhecia minha mãe desde bebê e nos contou inúmeras histórias. Combinamos de voltar em breve, era o meu desejo.

Como prometido a Tião, passei na padaria antes de partir. Ele me entregou uma preciosidade: uma das poucas gravações do grupo de seresteiros. Uma fita cassete e um walkman para escutar a voz de minha mãe. A estrada recuperou histórias em várias curvas e paisagens, contava-as todas para Mari, com a mesma velocidade com que as lembranças apareciam. Dividi o fone de ouvidos com ela e a voz de minha mãe nos embalava. Então me lembrei da carta de meu pai, o último parágrafo por ler.

“Você tem a voz da sua mãe, a voz mais doce e melodiosa que eu já conheci. Me perdoe por não te contar a história dela. Eu não suportei vencer o luto sem deixar de ouvi-la cantar. Até que você cresceu e aqueceu meu coração com sua voz. Cante Lud! Viva sua jornada e recupere suas lembranças. Você não é mais criança, não precisa de minhas mãos para te proteger. Mas eu sempre vou estar aqui. Com amor, papai.”